

ICONOGRAFIA DOS TABULEIROS DE IFÁ

ICONOGRAPHY OF THE BOARDS OF IFÁ

Jair Delfino¹

Henrique Cunha Junior²

Resumo

Esta iconografia retrata o universo da criação dentro da cosmovisão africana para fim de entendermos a riqueza de informações sobre os tabuleiros de Ifá. O mesmo conta com arquétipos imagéticos³ e simbólicos nos entalhes da madeira proporcionados em virtude dos mitos desta cultura. Os detalhes são representativamente ricos de tal forma que trazem informações a respeito da genealogia metafísica e a lógica matemática específica do povo iorubano, representada artisticamente na madeira. As informações acerca da subjetividade encontradas no artigo estão representadas de forma simbólica com relação direta com os elementos da natureza e sua criação. Neste artigo perceberemos que se destacam na visão africana as posições cardeais como morada dos Odús conhecidos na tradição africana como aqueles que estão presentes na humanidade através de presságios. O presente artigo não se trata somente de uma forma religiosa e sim de cultura e ciência que pensamos ser de grande importância para a educação.

Palavras-chave: Opón Ifá; Exu; Odú; arquétipos; tabuleiro.

Abstract

This iconography portrays the universe of creation within the African worldview in order to understand the wealth of information on the trays of Ifa. The same has pictorial and symbolic archetypes in the slots of the timber provided by virtue of the myths of this culture. The details are representatively rich so that provide information about the metaphysical genealogy and specific mathematical logic yorubano people, artistically represented in the wood. Information about the subjectivity found in the article are represented symbolically with direct relation to the elements of nature and creation. In this article we will realize that stand out in the African view the cardinal positions as abode of odus known in the African tradition as those that are present in humanity through omens. This article is not about only in a religious way, but culture and science that we think is of great importance to education.

Keywords: Opón Ifá; Eshu; Odú; archetypes; board.

¹ Graduado em Química, Universidade Federal do Ceará, jair7314@gmail.com

² Professor Doutor, Departamento de Engenharia Elétrica, Universidade Federal do Ceará, hcunha@ufc.br

³ Imagético: são estruturas abstratas e genéricas advindas da dinâmica da imagem; caracterizada pela observação humana.

1. Introdução

O presente artigo busca fazer a leitura iconográfica dos tabuleiros de Ifá que reconhecidamente são patrimônios orais e imateriais da humanidade, utilizados por Sacerdotes adivinhos para entrar em contato com o Deus iorubano. A tradição que difunde a importância do tabuleiro é a dos povos africanos da região de Osogbo, Ijebu e os povos de Isale-Oyo da Nigéria. Os tabuleiros também são conhecidos como Opon-Ifá e sua cultura hoje em dia está sendo difundida além África entre os povos vítimas do escravismo criminoso.

A palavra ifá, de acordo com Epega (1987), é o conhecimento antigo dos iorubas e nagôs o mesmo não é nome de pessoa, mas a denominação das palavras transformadas em segredo de Orunmilá (divindade da adivinhação) que devem ser entendidas pelo Babalawós (pai do segredo). Segundo Maupoil (1988) o significado da palavra Ifá conhecida pelos Árabes como Fá ou Fa'lun é o mesmo que sorte ou augúrio.

Existem nos tabuleiros entalhes na madeira que promovem a estrutura artística e simbólica de significado iconográfico aos trabalhos. As formas estruturais encontradas podem estar ligadas sistematicamente ao uso do tabuleiro para a interpretação por meio da adivinhação que acontece através dos Sacerdotes das religiões de tradição africana chamados de Babalawós. Desde a escolha da madeira a posição dos elementos iconográficos esculpido ou entalhado existe o fetiche⁴ que pode ser simbólico de identidade pessoal ou de significado religioso.

Tal objeto tem sua função para o adivinho de Ifá, a mesma está atrelada à marcação dos signos milenares formados pelos quatro elementos da natureza (fogo, água, terra e ar), que revela dentro do nosso prisma a leitura iconográfica atrav. Outros apetrechos são usados durante o processo ritualístico dos sacerdotes, mas a representação é feita no tabuleiro não por apetrecho e sim com o uso dos dedos, que daremos a explicação mais adiante.

Admite-se, dentro leitura iconográfica, a dualidade em todos os aspectos interpretativos dentro da lógica do axioma (positivo, negativo, masculino e feminino) que ajudam a interpretação do adivinho. A questão que se prende ao entendimento da leitura está baseada nos princípios e valores guardados nos versos de Ifá. “Os versos incorporam mitos recontando as atividades das divindades e justificando pormenores de ritual, sendo frequentemente citados a fim de clarificar um ponto controverso de teologia” (BASCON, 1969, p. 11).

Os significados e os conteúdos expressos nas artes nos remetem ao pensamento, à ciência e ao simbolismo religioso que existe nas obras, dada as suas especificidades. Suas características estéticas não se prendem à forma de entalhe e sim às características de expressividade e o mesmo não deixa a desejar a visão estética dos traços e identificações africanas.

A tradição do Ifá é patriarcal, portanto apresenta certas proibições às mulheres. Mas, a representação iconográfica é rica em entalhes que expressam não somente a presença feminina, como também as atribuições geradoras da vida, ou seja, por outra

⁴ Fetiche pode ser um objeto material ao qual se atribuem poderes mágicos ou sobrenaturais, positivos ou negativos. Inicialmente este conceito foi usado pelos portugueses para referir-se aos objetos empregados nos cultos religiosos dos negros da África.

perspectiva de análise podemos considerar a semiótica⁵ enriquecida de símbolos em virtude das diversidades esculpidas e sinais que muitas vezes são padrões, representando a grande importância feminina, masculina e da vida em geral.

Para entender a lógica do pensamento, a fim de compreendermos todos os significados expressos nas obras, deve-se considerar todos os axiomas das tradições e culturas africanas através dos mitos, parábolas e versos nas culturas que se somam aos milhares.

O arquétipo⁶ neste contexto reúne crença, valores, mitos e comportamento de interação com o metafísico mediante a relação com o consciente. A representação, tanto momentânea ou estática, endereça a interpretação de quem analisa o Arkhé⁷ como princípio de alguma coisa que na filosofia ioruba é Olodumarè, Deus de todas as coisas ou da vida. Após ter gerado o seu primeiro filho Orunmilá que deu ao mundo seu filho Shetilu, que mais tarde viria ser chamado de Ifá, o grande Babalawó de Orunmilá (EPEGA, 1987).

Ifá, por sua vez, trouxe à humanidade os conhecimentos para o ser humano conversar com os deuses ou ancestrais espirituais. Tais saberes são explicados mais adiante na forma de presságios que dará o significado e importância dos mistérios relatados nos arquétipos, assim conhecidos pelo nome de Odú. Dentro dos aspectos etnográficos poderemos entender o modo de vida dos seres humanos se nos remetermos à etnologia, a fim de compreendermos a cultura e a relação com o metafísico na sociedade de cultura Ifá.

Neste trabalho é importante ressaltar que existe uma linguagem a ser considerada iconograficamente relatando a “evolução cognitiva⁸” através da lógica matemática específica dentro da tradição africana e afrodescendente. Pretende-se resgatar e contribuir para a identidade e cultura do pensar do povo afrodescendente que ficou descaracterizado do seu pertencimento devido à colonização universalista.

2. As Divindades: o seu Significado e Importância

Na tradição ioruba, Deus possui muitos nomes, sendo o mais antigo Olódùmarè. As partes que compõem o nome de Olódùmarè tem o seguinte significado: Ol'(Oni) = senhor de tudo, parte principal, líder absoluto, chefe, autoridade, onipotente; Odu = muito grande, recipiente profundo, muito extenso, pleno; Ma re = aquele que permanece, aquele que sempre é presente (onipresente) ou Mo are = aquele que tem autoridade absoluta sobre tudo o que há no céu e na terra e é incomparável; Mare =

⁵ Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido.

⁶ Arquétipo é descrito pelo psicólogo Carl Gustav Jung como um conjunto de imagens psíquicas presentes no inconsciente coletivo que seria a parte mais profunda do inconsciente humano.

⁷ Arkhè é o princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas; no início, no desenvolvimento e no fim de tudo.

⁸ Evolução cognitiva modo perceber e interpretar a si mesmo. Não segue um padrão descritivo de interpretação porque é subjetivo, ou seja, cada qual tem uma forma pessoal de análise, levando em conta sua capacidade de aprendizado onde a adaptação é parte da evolução.

aquele que é absolutamente perfeito, o supremo em qualidades. Olódùmarè, o ser superior dos iorubas (onisciente), que vive num universo paralelo ao nosso, conhecido como Òrún, por isso ele é também conhecido como Àjàlórún e Olórun, "Senhor ou Rei do Òrún" ou seja, Senhor ou rei dos nove reinos.

De acordo com o corpo literário de Ifá e a tradição africana, Olódùmarè criou o céu e a terra, domina as leis da física e assim governa o universo. Destacamos nesse contexto Orunmilá, divindade tida como o primeiro ser criado por Olódùmarè. Dizem os mitos dentro da tradição africana que ele é quem testemunhou toda a criação, a formação das galáxias, das estrelas, dos sistemas solares e dos planetas e, por conta disso, tem o título de Elérí Ìpín - "o testemunho de Deus", Ibíkéjì Olódùmarè - "o vice de Deus", Gbàiyégbòrún - "aquele que está no céu e na terra", Òpitan Ìfé - "o historiador da cidade de Ìfé"(Cidade ioruba no sudoeste da Nigéria). Segundo Abimbola, (1977, p. 1), o yoruba acredita que Ifá (também conhecido como Orunmilá) foi uma das quatrocentas divindades que vieram do Orun (céu) para Aye (terra). A partir desses conceitos, percebemos a importância e competência de Orunmilá, bem como sua responsabilidade com Olódùmarè.

Segundo os mitos, Olódùmarè passou e confiou de maneira especial toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados a Orunmilá. Dessa forma, ele passou a ser o representante de Olódùmarè, que em seguida criou os Irunmolés (luz-que-tremula), que são aqueles que habitam o universo do cosmo chamado de Orun, (céu ou cosmo para os iorubas aonde existem nove reinos, ou seja, nove sistemas planetários como o nosso). Esses somam em número quatrocentas divindades e habitam o lado direito do criador.

Olódùmarè também criou os Igbamolés (luz muito antiga), tidos como o lado esquerdo de Olódùmarè e representam duzentas divindades. São conhecidos como não humanos, cuja força é respeitada. Contam os mitos que suas forças suplantam as forças de outras formas de vida e, segundo Ademola (1991), essas divindades, por sua vez, teriam vivido na terra por longos milênios e depois foram destruídas com a terra.

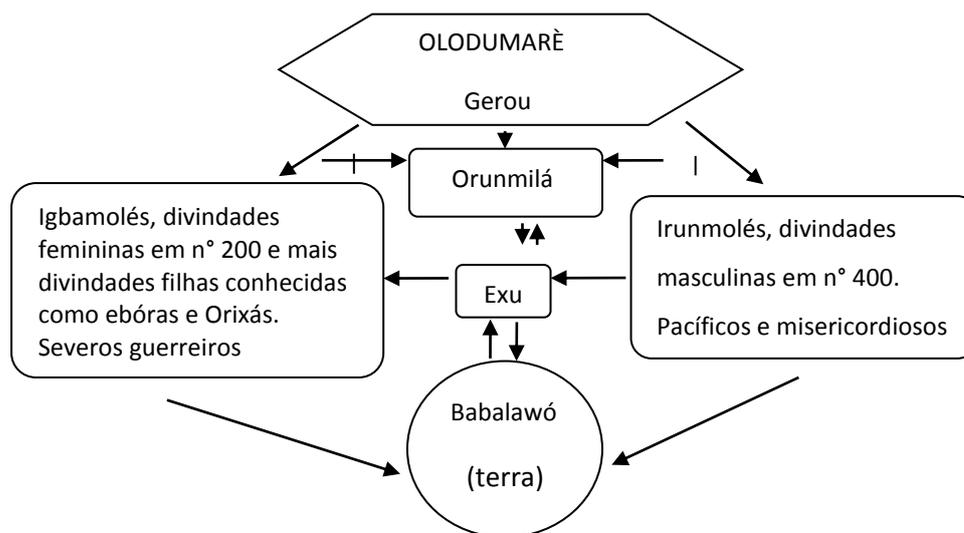
Outras bibliografias dizem que as quatrocentas divindades da direita de Olódùmarè são masculinas e as duzentas divindades da esquerda são femininas, sendo também conhecidas neste contexto feminino as divindades-filhas, chamadas de ébórás e Orixás. Essas são energias da natureza que participam da criação e são tidas como seres encantadas. "Entre esses ébórás temos Exu, que pertence tanto aos irunmalés da direita quanto aos da esquerda, pois serve de veiculação da força imaterial divina, o axé, entre os orixás e os ébórás, "intercomunicando todo o sistema" (SANTOS, 1986, p. 75).

De acordo com a citação, Exú pertence ao grupo dos ébórás. Esta divindade possui grande expressividade e função dentro da adivinhação ou ciência do Ifá, onde se destacam os seus arquétipos de significados e simbolismos no tabuleiro como mensageiro de Ifá-Orunmilá. Exú é tido como a divindade que caminha entre mundos: o mundo dos Irunmolés, dos Igbamolés e o Aye (terra). "Exu é uma das divindades iorubás, considerada polícia, o mensageiro divino entre mundos, olho que tudo vê e detentor do ase (poder divino) com o qual Olódùmarè criou o universo e manteve as suas leis físicas" (IDOWU, 1962, p. 19).

A união de forças dos Irunmolés com os Igbamolés geraram os Orixás, desenhando na visão geral a compreensão de que existe uma descendência genealógica que vieram na totalidade de quatrocentos do Orun (céu ou cosmo na compreensão ioruba) para o Aye (terra). Destacam-se na origem dos ancestrais da humanidade na

visão yorubana, assim como a concepção da vida e tudo que permeia a mesma. Este discurso é de suma importância para o entendimento iconográfico dos tabuleiros de Ifá e diante deste conceito se torna possível explicar quem é Ifá. Na Figura 1 temos o exemplo da árvore genealógica de Olódùmarè:

Figura 1: Genealogia Divina Ioruba



Fonte: Elaborado pelos autores.

Contam os mitos que os primeiros sacerdotes dos povos da África foram discípulos de um sacerdote ancestral, considerado o maior de todos, chamado de Shetilu. Esse foi entronizado como depositário de todo o conhecimento de acesso ao divino através de Orúnmilà e dele vieram os herdeiros do conhecimento chamados de primeiros discípulos de Ifá. Na cidade de Ile-Ifé, são conhecidos como Akoda e Aseda, que viajaram e levaram os ensinamentos e a forma de comunicação com as divindades.

Shetilu, segundo Johnson (1921, p. 33), era cego de nascença e cresceu com extraordinária capacidade de adivinhação. Com a idade de cinco anos ele tinha a fama de ter começado a prever com exatidão os eventos. A trajetória de Shetilu envolve a migração do mesmo da área de Nupe (noroeste da cidade de Oyó) por imposição dos muçulmanos que não gostavam das suas habilidades. Ele fugiu através do rio Níger seguindo até chegar em Ile-Ifé.

Durante a estadia de Orunmilá na terra, através da vontade de Olódùmarè, ele participou da criação da terra e do homem e foi quem auxiliou o homem em seu dia a dia. Portanto, foi nesse paradoxo que surgiu o caminho de se suprir a necessidade humana através da consulta ao Ifá por parte do sacerdote a fim de auxiliar os adeptos ou somente os consulentes.

Ifá é a bíblia dos povos iorubas e também de algumas etnias mulçumanas na África. Ele não é somente um tratado alegórico e filosófico, e sim a ontologia e antropologia de um povo. Representa o próprio divino criador e toda sua genealogia que permeia a vida e se permite ser tocada pelo homem como o Deus acessível, o próprio Arkhé. Ifá é quem detém a sapiência e discernimento sendo ele o primeiro porta vós de Orunmilá. “É por isso que o nome dele de louvor é Akerefinusogbon, a pequena, aquele

cuja mente está cheia de sabedoria” (Abimbola, 1977, p. 1).

Os povos Iorubas não são os únicos detentores destes conhecimentos, segundo Bascom (1969), a prática de Ifá também pode ser encontrada entre os Fon da República do Benin. Hoje sabemos que se encontra difundida em diversos países, principalmente naqueles que escravizaram os povos africanos.

Ao buscar paradigmas para filosofar sobre o acessível, aproximamo-nos de Sodré (1999) e observamos que:

Na Grécia pré-clássica, “Deus” podia ser identificado por pensadores como Arkhé. Em geral, designa o princípio de qualquer ordenamento, um princípio que fala ao mesmo tempo da origem e do fim de entes e coisas do mundo, considerado o inacessível. A arkhé afro-brasileira, porém, difere da cristã. Os nagôs concebem um Deus supremo Chamado de Olorum/Olodumare, um princípio criador, dos quais se pode deduzir “a quem quer o que Deus quer, vai ter o que Deus quer”. Supremo juiz da multiplicidade diferenciada de princípios, gerador de outras divindades que é acessível (p.171- 173).

Os sacerdotes de Ifá são conhecidos como Babalawós que significa detentores do segredo. Eles são considerados discípulos de Shetilu ou sacerdotes de Orunmilá, que representam o mesmo no Aye (terra) se valendo da consulta ao oráculo divino.

O corpo literário do Ifá-Orunmilá compreende 1600 mitos em formas de parábolas que mostram todos os conhecimentos e sabedorias. Em suas profecias, que não representam só a profecia e sim um meio de comunicação com o metafísico para suprir através do conselho e do seu porta voz, o Babalawó, as necessidades do adepto ou daquele que deseja somente se consultar.

O mesmo corpo literário delega e exige o conhecimento e o saber do Babalawó quando se trata de absorver o entendimento e aprendizado de 256 versos Odúnicos, onde cada verso é composto por mais 16 subversos. Isso exige do Babalawó a memorização por comparação e derivação, em que fica subentendido uma matemática binária. Dessa forma, o mito na cultura africana é o legado do conhecimento ancestral. Para cada um dos 256 Odú tem narrativas extensas (em prosa ou poema) sobre a vida dos Deuses, humanos e animais na visão cosmológica (Abimbola, 1977).

É muito importante falar quem são os Odú que estão expressos nos versos odúnicos. Esses estão divididos em duas gerações, os Olodus ou Odùs Agbas, sendo esses os dezesseis mais velhos e os únicos que habitaram o Orum (céu ou cosmo para o Ioruba). Em seguida, temos os Omo-Odús, que representam os 240 Odú que nasceram no Aye (terra) e foram gerados pela união aos pares de cada Olodu, sendo assim, são Odús conhecidos como filhos.

Os Olodus carregam dentro de si as energias matrizes que contribuíram com a formação de vida na terra, e os Omo-Odú na terra contribuíram com ciclos naturais de acontecimentos e desenvolvimento da vida. Os Odús, nesse contexto que abrange geradores e filho, são mais do que energia da natureza, são forças cíclicas de renovação e presidem na adivinhação ou ciência do Ifá os pré-destinos de acordo com o livre arbítrio de cada consulente.

O fato disso ser possível é porque o ser humano também é um indivíduo integrante da natureza e ela e o indivíduo dependem do equilíbrio para a plena harmonia. Tal harmonia é a base da hermenêutica do bem viver, que na filosofia africana é a forma de tocar e interagir com o divino.

Podemos dizer que o Odú é a forma básica do conhecimento e da dinâmica desses conhecimentos, assim entendemos os Odú como uma “inteligência viva” (COSTA,

1995). Os dezesseis Odú principais são estruturais no campo do pensamento dentro da cultura africana que comporta várias ciências ou várias áreas do conhecimento.

O corpo literário do Odú é também interpretado através de ideogramas sagrados que os sacerdotes riscam na interpretação do que Orunmilá, “a fala que vem do céu”, revela ao sacerdote. Esse processo em que consistem os ideogramas e sua representação vem de encontro com as representações e referências simbólicas estéticas que acontecem nos tabuleiros e estão ligadas ao ontem, ao amanhã e ao hoje. São os presságios que sugerem as afirmações e probabilidades de acontecimentos na vida dos seres humanos. Podemos presumir que o destino são as possíveis probabilidades de caminhos, que muitas vezes não foram imaginados pelo consciente, mas seguidos pelo inconsciente do ser humano.

O Odù é os presságios que são descritos por parábolas e estas são as materializações entalhadas ou representadas no tabuleiro. “As parábolas versam sobre casos de como eram certas figuras mitológicas – homens, mulheres, animais, pássaros ou plantas – como reagiram diante de diversas situações e quais o resultado de suas ações” (BENISTE, 2001, p.20).

2.1. Ifá o Patrimônio da Herança Oral Intangível da Humanidade.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressões cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

O culto a Ifá é assegurado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como o patrimônio da herança oral intangível da humanidade, a partir de 2005. A questão que envolve o patrimônio está diretamente ligada ao fato do Ifá ser também a identidade do povo africano, participando de forma filosófica, ideológica e científica desta sociedade. Ademais, universalmente, Ifá é conhecido e cultuado com seus mitos, parábolas, adivinhas através da oralidade passada de sacerdote a iniciados, ou seja, dentro deste aspecto se reconhece que Ifá é uma crescente cultura universal com matriz reconhecida e protegida pela mesma entidade citada acima, contra credos, políticas e ideologias contrárias.

O Ifá também é o maior referencial de tradição africana, a bíblia ioruba dos ancestrais e tem a sua medicina própria difundida entre povos que o cultuam. A relação de conhecimentos está ligada a diagnósticos de pacientes portadores de patologias bem como o tratamento para a cura dos mesmos. Existe na Nigéria o Instituto do Patrimônio Ifá, uma instituição pós-secundária em Oyo Town, estado de Oyo, patrocinada em parte pela UNESCO e aprovada pelo Governo Federal da Nigéria. O objetivo do Instituto é a preservação e propagação de Ifá como um corpo africano indígena do conhecimento dentro das configurações de um sistema educacional moderno e contemporâneo.

Através da UNESCO o Ifá está entre as 86 tradições do mundo a ser considerada como obras-primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. A mesma mantém gravações, registros e arquivos do mesmo, mas considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar exercendo seus costumes e tradições bem como transmiti-los. Dessa forma, a organização estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas que absorvem ao máximo as técnicas e habilidades necessárias à manifestação dos costumes, credo, aspectos culturais de um povo e manutenção do seu patrimônio cultural material e imaterial. De acordo Sodrê

(1999, p. 108):

No grupo patrimonial, mesclam-se elementos reais e fictícios, estes últimos inventados segundo a lógica das conveniências. Simbolizações, mitologias, racionalizações genealógicas concorrem para o imaginário coletivo do grupo patrimonial.

Em 2003, através de muitos esforços, que incluíram estudos técnicos e discussões internacionais com especialistas, juristas e membros dos governos, a UNESCO adotou a Convenção de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Essa convenção regula o tema do patrimônio cultural imaterial e assim complementa a Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, que cuida dos bens tangíveis, de modo a contemplar toda a herança cultural da humanidade.

O Ifá e tudo o que o completa é reconhecido como identidade do seu povo e protegido pela UNESCO. Essa por sua vez reuniu um conjunto de bens culturais classificados de acordo com sua natureza: arqueológica, antropológica, etnográfica, histórica, belas artes e das artes aplicadas. Está relacionado como bem imóvel- núcleo urbano, bens individuais – móveis no que se refere a coleções arqueológicas, acervo museológico, documentais, bibliográficos e arquivísticos. Todo esse contexto abrange a conservação, manutenção e divulgação do patrimônio cultural intangível, onde abrange as expressões culturais e as tradições de um grupo de indivíduos preservando sua ancestralidade para gerações futuras.

2.2. A Importância da Madeira Relacionada à Questão dos Mitos.

A questão que envolve a arte de fazer as molduras no tabuleiro de Ifá não está atrelada à qualidade de madeira, e sim a uma madeira específica de uma árvore sagrada chamada de Irokô, (Milícia Excelsa ou Chlorophora Excelsa), conhecida como amoreira africana. A mesma é encontrada na região que compreende a Serra Leoa até a Tanzânia, atingindo até 45 metros de altura e até 2,7 metros de diâmetro.

A escolha dessa árvore se justifica pelo significado religioso na qual se remete a ela o símbolo arquetípico que representa a ancestralidade. De acordo com BASCOM (1969) a importância do ancestral está presente através dos versos que incorporam mitos recontando as atividades das divindades. Acredita-se, dentro da cultura religiosa ioruba, que a árvore Irokô é o seio da natureza, morada das divindades, também conhecidas no Brasil por Orixás.

As tradições africanas dizem ser a primeira árvore a ser germinada na terra. Através dessa árvore os Orixás vieram a terra, e também Ihe é atribuída a questão da dimensão tempo que rege nossas vidas e toda genealogia, representando, também as mudanças climáticas. Irokô é reverenciado como a divindade guardião das florestas centenárias, é visto como uma divindade cultuada que representa toda dinastia das divindades Orixás e que envolve a ligação do Ifá ao metafísico, sendo reverenciada como árvore do senhor do céu (Orunmilá).

Por algum motivo a cultura, a arte e a tradição religiosa africana sempre estiveram diretamente ligadas ao sagrado através dos mitos e simbolismos estéticos. A abordagem sobre a árvore não somente está ligada à questão da escolha da madeira, por ser de grande significado religioso. Acredita-se ser proveniente dela os encantamentos para a ligação com o subjetivo que envolve os arquetipos e também os signos odúnicos e forma de animais que serão entalhadas na madeira, onde tudo representa a vida e a morte, pertencentes aos mitos da divindade Irokô, como é o caso da cobra que o acompanha, de acordo com a oralidade que envolve os mitos, e será

também representada na moldura do tabuleiro.

3. Análise dos Significados dos Símbolos Entalhados no Tabuleiro de Opon-Ifá.

A visão imagética nos permite entender os entalhes de um tabuleiro quando nos referimos aos significados dos símbolos em relação à complexidade de informações.

As molduras dos tabuleiros e as extremidades do círculo interno, ricos de detalhes, estão diretamente ligadas aos arquétipos. Simbolicamente podem representar, com ênfase em detalhes, a memória e a ideologia do artista e por vez merece atenção por conhecer os mitos e conseguir traduzi-los para a visão estética com interpretação cognitiva que, muitas vezes, podem ser repetitivos.

Entre os símbolos representados encontramos indispensavelmente em todos os tabuleiros uma face frontal de um homem ou somente os olhos que representam a divindade Exú. De acordo com Portugal Filho (2010, p. 18) “Os olhos são parecidos com o olhar do Babalawó que está jogando o Ifá”.

Esta divindade conhecida no panteão africano, como mensageiro entre dois mundos, aquele que conversa com Ifá e com o sacerdote adivinho, é quem também leva as oferendas para as demais divindades e apontam as direções que levam a caminhos a serem seguidos pelo consulente. Também é o protetor e todas estas atribuições, o que lhe garante lugar de destaque. Existem outros aspectos que merecem ser abordados mais adiante, tais como as relações de espaço e posição do tabuleiro.

Temos também recorrente em muitos tabuleiros a presença entalhada da cobra, mais que uma cobra a sua presença simbólica nos remete à divindade Irokô, abordado anteriormente. A mesma representa o comprimento do Karma de cada um de nós e significa o começo e o fim de toda forma de energia ou vida.

Ela pode estar entalhada em forma de círculo, representando o começo e o fim, se estiver no sentido horário também significa a ciclicidade da vida e a renovação. O caminho percorrido do guizo à cabeça da cobra vai de encontro à face frontal ou olhos esculpidos de exu. A cabeça da cobra fica representada do lado direito da face de exu e significam os olhos das divindades na terra, já o guizo do lado esquerdo da face representa o aviso ou aquele que trará o aviso. Nas figuras abaixo temos alguns tabuleiros com vários entalhes que serão discutidos na sequência.

Além da cobra, existem nos tabuleiros outros símbolos de animais equinos que, muitas vezes, estão com a cabeça entalhada para baixo significando sua relação com a terra, que lhe fornece vida através dos alimentos. Em contrapartida, o animal também a fertiliza com o estrume, representando a ciclicidade da vida ou o movimento de renovação da vida através da energia. Encontraremos tais figuras equestres e também a cobra na Figura 3 acima. Abiodun (2000, p.182) analisou os poemas de Ifá para obter o significado de figuras equestres nos tabuleiros tradicionais ioruba e para ele se destacou a presença dos cavalos como sendo a representação de força, realeza, liderança e sucesso.

Tartaruga entalhada (exemplo Figura 2), pode significar aquele que guarda o segredo das divindades, também aquela que porta a energia que dá a vida. Está ligada ao mito do Odú chamado de Otura-meji no qual existe seu ideograma que será mostrado adiante. Segundo Beniste (2001), o casco da tartaruga da terra ou marinha são considerados bons condutores da verdade para o Babalawó de Ifá.

Figura 2: Tabuleiro



Fonte: Foto do autor cedida pelo por Bill kalun.

Figura 3: Tabuleiro Oval



Fonte: Foto do autor

Podemos encontrar entre os diversos entalhes até mesmo o Iróké (instrumento usado para chamar Ifá), que pode ser feito de marfim a partir da presa mestra do elefante, de madeira ou chifre de veado. Nele encontramos formas de entalhes que se mesclam ao subjetivo do inconsciente, muitos deles ligados a representatividade do sagrado. Para entendermos melhor, Bascom (1969, p. 34) nos enriquece de detalhes:

Esta é conhecida como a baqueta de Ifá (irofa, iro lfa) em Ifé, como a baqueta de marfim (iroke, iro ike) em Ibadan e região de Oyo, e como orunfa (orun lfa) ou orunke (orun ike) em Meko; mas os termos i-rofa e iroke são amplamente reconhecidos. A baqueta tem, geralmente, cerca de 20 a 40 centímetros de comprimento, e é esculpida em madeira, com a extremidade inferior, que se bate no tabuleiro, modelada na forma de uma presa de elefante.

Abaixo, na posição Centro-leste da borda do tabuleiro, na Figura 4, temos o entalhe do Iroke, à esquerda do entalhe do rabo de cavalo. Também encontraremos nesse mesmo tabuleiro representado abaixo as figuras mitológicas, representando as divindades. Na região nordeste do mesmo, temos o entalhe de um corpo feminino com a metade calda de peixe representando a divindade conhecida como Yemanjá. Caso tivesse duas caldas de peixe no lugar de uma seria a divindade Olokun, mãe de Yemanjá. Encontramos na parte inferior sudoeste a divindade Ogun (senhor da guerra) e na mesma posição cardeal na parte superior a divindade Sango (Rei de Oyo). Na região noroeste encontramos o entalhe da divindade Obatalá (Criador do mundo) e mais ao norte da mesma região encontramos o entalhe de Orunmilá.

Figura 4: Tabuleiro



Fonte: Foto do autor cedida por Bill kalun.

Encontraremos a Salamandra entalhada (exemplo Figura 2), que tem o significado ligado às divindades de gênero feminino chamadas de Yámis, onde representam a continuidade da vida além da água e a evolução dos seres humanos e das espécies que vieram da água. A comparação acontece pelo fato das larvas da Salamandra serem aquáticas e quando adultas são terrestres, outro fator importante, está atrelado a presságios ligado a um Odú, que veremos mais adiante, chamado Osá que quer dizer água sobre fogo, ou seja, a água apaga o fogo na sua representação Elemental.

Também existe a presença do homem progenitor (exemplo Figura 2) e a mulher geradora da vida representando os ancestrais na moldura para servir de significado do positivo para o homem e o oposto para mulher.

Para que o Babalawó possa marcar o Opon Ifá ele precisa contar com o Òpèlè de Ifá que é um objeto com duas correntes ou barbantes, que poderemos chamar de corrente divinatória. A mesma poderá ser feita de meias nozes de palmeira (*Mangifera gabonensis*), que ficam divididas em quatro metades da direita e quatro da esquerda. “Se a corrente é feita de metal, as meias nozes também são feitas de metal de tal forma que parecem as meia nozes do fruto do Òpèlè” (ABIMBOLA, 1977, p.10). Também podem ser usados no processo divinatório os búzios, os quais temos dois búzios entalhados, um na posição nordeste e o outro na posição sudoeste da Figura 6. Abaixo temos na Figura 5, ocupando boa parte da borda leste do tabuleiro o entalhe do Òpèlè de Ifá.

Figura 5: Tabuleiro



Fonte: Foto do autor cedida por Bill Kalun.

Figura 6: Tabuleiro



Fonte: Foto do autor cedida por Bill Kalun.

Existem traços em forma de oito (exemplo Figuras 2 e 3) que marcam a ciclicidade da vida do ser humano e representa também o seu caminho individual em virtude da atemporalidade, que significa que o tempo não é separado do passado, futuro e presente e sim é cíclico, onde cada momento é previsível. Para o africano saber do futuro a sua análise se resume na soma do passado ao presente e dessa forma se estabelecerá as predições prováveis.

Caranguejos (exemplo Figura 2) representam aquele que habita a terra e a água e pode representar a transição da vida da água para terra, mas também pode significar, segundo alguns mitos, aquele que não guarda segredo. O caranguejo também significa interdição ao iniciado nos cultos africanistas, por que significa aquele que anda de lado e para traz, mas nunca para frente, portanto não significa o futuro ou a prosperidade na sua representação.

O Entalhe do caracol significa a longa viagem dos ancestrais, o caminho para as alturas, aquele que representa e guarda o mistério divino e que tornou possível às

divindades e aos homens a caminhar sobre a terra. Temos também os peixes e todas as espécies aquáticas que representam o segredo e a verdade da humanidade.

Folhas entalhadas podem significar o acesso à cura, a força dos orixás, a ciência de cura de Ifá, aquilo que alimenta o espírito e cura, a matéria e a divindade da cura. Esta divindade é conhecida pelo nome de Osanyìn. Segundo Portugal Filho (2010), esta é a divindade da medicina, é o irmão mais jovem de Ifá, cuja idade ele suplanta em 1.460 anos.

Pássaros, por exemplo o papagaio, encontrados na Figura 2, representam aquele que percorreu o mundo para trazer a notícia a Orunmilá. Caso seja uma coruja entalhada, representa as Yabás feiticeiras (Irunmolés femininos ou igbamolés), assim conhecidas no panteão africano. Outro tipo de pássaro representaria a divindade conhecida como Orixá Xangô do fogo, que tem a atribuição de proteger contra as feiticeiras, também representa a justiça e tem ligação direta com Oyó (Cidade onde existe o culto a Ifá). Em busca das especificidades Beniste (2001, p. 270) diz o seguinte:

Três pássaros são sempre citados como símbolos da boa sorte: o Agbè, pássaro de penas azuis, simboliza a bondade; o àlukò, pássaro de penas vermelhas, símbolo das boas notícias e o Lékeléke, pássaro de penas brancas, simboliza a paz, [...]. Àwodi é a denominação do Falcão, [...], ele se revela como o pássaro das grandes alturas e como a galinha não voa ela se presta ao sacrifício.

Tudo que existe na natureza como forma de vida pode estar atrelado a significados litúrgicos para os iorubas sendo que os entalhes na madeira do tabuleiros buscam trazer o conceito de valor (axiomas) dos arquétipos dentro dos mitos que traduzem a obra por meio da leitura estética e simbólica.

Alguns tabuleiros na sua parte de baixo (Figura 7) tem um círculo entalhado que significa o mundo dos homens que quer dizer: como e onde Exú caminha dentro do seu significado imagético e subjetivo.

Figura 7: Tabuleiro



Fonte: Foto do autor cedida por Bill Kalun.

4. A Sinalização da Representação e Significado Simbólico d Estético Dentro do Arquétipo.

Nesta abordagem é importante entendermos como está dividido e organizado os

lugares em relação ao espaço e às quantidades de símbolos neles presentes. Podemos dizer que a importância desta organização pode estar ou não atrelada à leitura cognitiva. Para isso devemos levar em consideração como estão distribuídos os elementos entalhados em relação aos olhos de Exú ou face frontal do Exú. No tocante ao assunto das representações que aparecem nos tabuleiros devemos se atentar para a não necessidade de representações entalhadas além da figura do Exú. Segue abaixo dois tipos de tabuleiros representados pelas Figuras 8 e 9.

Figura 8: Tabuleiro Oval



Fonte: Fotos autor.

Figura 9: Tabuleiro Retangular



Fonte: Fotos autor.

Exu é de suma importância, por dadas atribuições comentadas anteriormente neste artigo e agora para completar temos como destaque esta divindade que marca no tabuleiro das Figuras 8 e 9 a posição entalhada de frente ao sacerdote adivinho de maneira que os dois se olhem de lados opostos. Esse, que é o mensageiro entre dois mundos, encontra-se então na posição cardinal norte do tabuleiro e também dependendo do tabuleiro poderá se encontrar em demais posições cardiais principais

como sul, leste e oeste. Sendo assim, na leitura iconográfica ele representa o olho que tudo vê e, devido às suas atribuições do seu cargo, colocam-lhe nos quatro cantos do mundo que é representado no tabuleiro pelas quatro posições cardeais comentadas anteriormente. De acordo com Portugal Filho (2010, p. 17):

Existem vários tipos de Opón Ifá, redondos ou quadrados, com um ou mais compartimentos centrais separado da área principal. Quando os Babalawós usam Ikin no jogo, é importante a existência do Opón Ifá, onde se imprimem os sinais que caem dentro dessa tábua, na qual o ìyèrosùn é colocado. Há vários desenhos que cobrem o redor da margem do Opón.

Exú é o senhor que conhece todos os caminhos ou ao menos aponta a direção para os mesmo. Essa será a sua importância de entalhe na madeira a que divide os quadrantes, onde mais adiante será detalhada aonde acontece a comunicação do homem com o metafísico, por herança e confidenciado ao adivinho.

Nesse momento os destaques dessas competências servem para entendermos que cada ponto cardeal onde Exú opera cria uma linha imaginária que na intersecção dos pontos cardeais leva o tabuleiro a ser analisado em quatro partes que chamaremos de quadrantes e em cada um deles poderemos, dentro da ordem quantitativa, ter quatro figuras que dentro das probabilidades de combinação possíveis resultará em dezesseis Odú principais do Ifá. Percebe-se então que as figuras expostas estão divididas no espaço por quantidade e o mesmo não é só estético e sim as figuras entalhadas estão distribuídas significativamente e simbolicamente de forma analítica.

É importante notar que as figuras relacionadas neste artigo podem ser definidas por quadrante de acordo com sua referência simbólica que detalharei mais adiante. Devemos lembrar que a posição para onde está direcionada a figura entalhada também merece atenção em virtude do seu significado, assim como a cobra citada anteriormente. As demais figuras comentadas também detêm ou não significados de acordo com as posições e elementos da natureza que também são representados nos tabuleiros.

Os arquétipos estão representados nas figuras com muitas informações a serem decodificadas. Fazendo uma memorização do que já foi dito até aqui, podemos dizer que Irokô é o senhor do tempo, das divindades e formas de vida. Esse encontra o seu significado no simples fato da madeira provinda do Irokô existir, atribuindo-lhe dessa forma o seu valor de fetiche ritualístico.

Por consequência, toda interpretação do que acontece no processo que inclui os conhecimentos orais do adivinho está diretamente ligado ao mensageiro entre dois mundos. Exú é o interlocutor desses mundos dentro do tabuleiro, isto acrescenta ao relato à visão do mundo e suas especificidades na complexidade paradoxal de ciclicidade que envolve a dialética de um povo.

De acordo com Bassani (1994) existe o tabuleiro que tem o centro circular na região côncava e o entorno retangular chamado de Ifá opon Ulm. As formas do tabuleiro variam conforme o que foi citado anteriormente e são muito aceitas, pois não impedem a interpretação através do seu uso. O tabuleiro de Ifá é composto do centro côncavo onde serão feitas as marcações dos Odù e o mesmo pode ser redondo ou quadrado, de acordo com o gosto do adivinho. Existem tabuleiros que têm a forma oval e também a parte côncava oval.

Alguns tabuleiros têm um cubo ou meia esfera entalhada no centro. Esse este símbolo representa Exú nos entroncamentos dos caminhos cardiais. Dessa forma, atenta-se o fato das multiplicidades de Exú que hora pode ser expresso com face com

olhos ou somente olhos. O fato de Exú ser representado também em forma de círculo é devido a sua atribuição de quem polícia o mundo, partindo da ótica que o mundo é redondo. Idowu (1962, p. 19) registra que Esu, uma das divindades iorubas, foi a "polícia" universal e detentor do ase (poder divino) com o qual Oludumare criou o universo e manteve as suas leis físicas. A respeito das tábuas ou tabuleiros divinatórios Abimbola (1977, 1977, p. 13), diz o seguinte:

As tábuas divinatórias são esculpidas em diversos tamanhos e formas. As margens da tábua são dominadas por um padrão intrincado de diversos objetos tais como pássaros, répteis, tartarugas e animais selvagens. O meio da parte superior é reservado para a imagem de Èsù (o divino trapaceiro que mantém o Ase). Desta posição a imagem de Èsù olha para o sacerdote de Ifá como se ele estivesse dirigindo ou assistindo a divinação. O interior da tábua em si pode ser tanto redondo quanto quadrado.

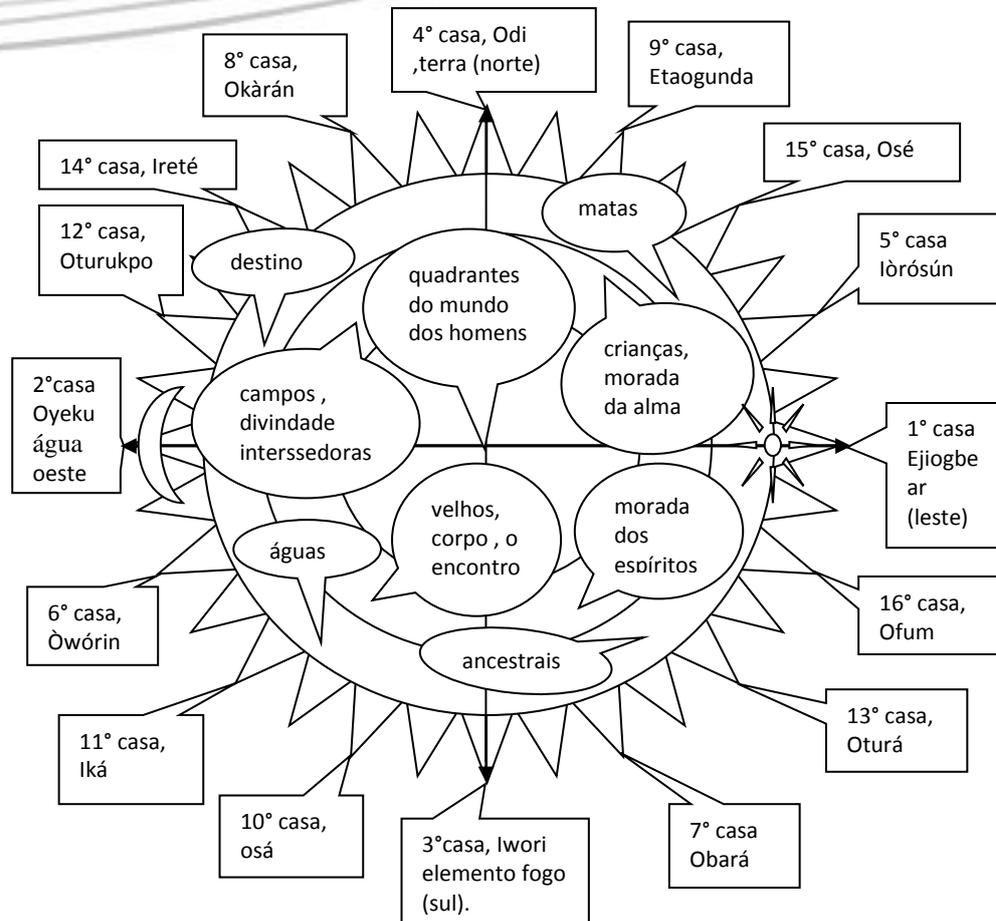
4.1. A Semiótica dos Signos Envolvidos na Importância da Iconografia dos Tabuleiros de Ifá.

Para entender a semiótica dos signos é imprescindível analisar não somente a presença dos quadrantes na parte côncava, mas o significado de cada uma das subdivisões dos mesmos que podem ser chamadas de moradas e servem para compor a interpretação do Babalawó, conforme a caída dos búzios ou Ikins no tabuleiro. Essas, por sua vez, não estão entalhadas na madeira do tabuleiro, mas podem adquirir seus significados em confluência com os símbolos entalhados na moldura, ou no raciocínio interpretativo subjetivo e cognitivo do Babalawó, ou seja, sua interação com o metafísico. Na intenção de dar destaque ao pensamento subjetivo, a fim de enriquecer as informações sobre o tabuleiros, temos na sequência a Figura 10 representando toda parte do conhecimento metafísico.

O significado de cada quadrante obedece a seguinte forma: na porção do norte até leste temos o quadrante do ar; na porção leste até sul temos quadrante do fogo; na porção sul a oeste temos quadrante da água; e na porção oeste até norte fechando o círculo temos o quadrante da terra. Através dessa observação é mais fácil de entender que as figuras e símbolos dos animais, humanos e formas de vida, estão intimamente relacionados aos quadrantes, no qual cada elemento específico pode estar interligado a sua sobrevivência e afinidade por elemento.

Os círculos côncavos dos tabuleiros (parte interna) se encontram divididos da seguinte forma, conforme o desenho abaixo seguido da posição cardeal de cada signo em sua volta.

Figura 10: Mapa Esquemático Metafísico.



Fonte: Figura do autor.

Presente no contexto semiótico dos símbolos não entalhados no tabuleiro se encontram os Odú e no caso dos 256 comentados anteriormente só 16 são distribuídos em volta do tabuleiro com suas posições cardeais físicas como mostra a Figura 10. Essas posições se repetem ao longo do círculo e merecem destaque na adivinhação quando são usados os tabuleiros para a consulta com os búzios (cáuris), ou Ikins (sementes de dendezeiro).

Em relação ao espaço, Drewal *et al* (1989) detalham que podem haver padrões decorativos, além das quatro posições cardeais principais, ademais, uma na parte côncava do Opon Ifá agora totalizando nove com a presença de Exú.

O quadro acima se refere à parte côncava interna do tabuleiro, onde na sua extremidade por toda volta do círculo como exemplificado no desenho, encontra-se a morada de cada Odú de acordo com sua posição cardinal no universo.

Na Figura 11 temos uma foto exemplificando exu e a divisão cosmogônica do Mundo. Encontraremos a exemplificação dos espaços internos da parte côncava do tabuleiro explicados na Figura 10.

Figura 11: Divisão Cosmogônica no Tabuleiro.



Fonte: Foto do autor.

4.2. Búzios, Ikins: Apetrechos Sagrados, Utilizados, que Compõem a Semiótica Iconográfica.

Seguindo os critérios de sinalização comentados anteriormente, o Babalawó usando dos búzios ou Ikins que são sementes de palmeira (*Elaeis Guineensis*), conhecidos no Brasil como caroço de dendê, inicia a análise das posições dos 16 ikins ou 16 búzios dispostos através das caídas no tabuleiro, sendo que a quantidade de búzios ou Ikins estão relacionadas aos 16 Odú principais que, como dito antes, estão dispostos em posições cardeais fixas em volta do círculo. É dessa forma que o Babalawó, através da sinalização dos Búzios ou Ikins, contando também com a relação de quantidade de grupos e posição aberta ou fechada dos búzios, faz a tradução exercendo o seu papel de adivinho. De acordo com Portugal Filho (2010, p.17), Ikin é:

É o conjunto de noz de palmeira (dendezeiro), um dos mais importantes métodos em divinação. Cada caída de Odu tem um sinal, que é riscado para ser reconhecido pelo Babalawó rapidamente. O Ikin é um conjunto de 16 nozes de palmeira. O Babalawó apanha-o com uma das mãos e, em movimentos rápidos, vai pegando os Ikin com a outra mão e sempre sobra algum na mão que apanha os 16 Ikin. Se sobrarem mais de dois, então é desconsiderado. Se sobrarem dois, ele faz um sinal no tabuleiro coberto de *iyerosun*, em um sinal vertical com o dedo anular. Se sobrar um, ele faz dois sinais paralelos e verticais no tabuleiro, fazendo, a partir daí, a leitura do Odu.

Esse processo de traduzir ou interpretar a disposição dos búzios ou Ikins no tabuleiro é que consiste na sabedoria e conhecimento do adivinho que pode relacionar toda sua interpretação das formas dos mesmos em relação ao local e posição ocupados dentro do quadro acima com os versos, poemas e mitos do Ifá comentados anteriormente.

Em relação a todos Olodus foi dito anteriormente que eles carregam as energias matrizes da vida. Essas energias matrizes da vida seriam os quatro elementos conhecidos (terra, fogo, água e ar) que, quando combinados uns aos outros de forma binária, ou seja, de dois a dois contemplando todas as probabilidades possíveis, formam a estrutura dos 16 Olodus.

Abaixo segue as Figuras 12 e 13 com os quatro elementos representados dentro

do Opón-Ifá e cada um em seu devido quadrante. O Opón-Ifá está dividido, a exemplo abaixo, em quatro partes que seriam os quadrantes: o quadrante superior à esquerda representa a terra e está assinado sobre o Yerossun (pó usado para divinação) com os dedos justamente o elemento terra; segue a direita desse, o quadrante superior que representa o elemento ar e se encontra assinalado da mesma forma que o anterior com a representação do elemento ar; em seguida na parte inferior à do lado direito temos o quadrante do fogo, também assinalado pela representação deste elemento; e para finalizar temos à esquerda na parte inferior o quadrante do elemento água, marcado ou assinalado pela representação da água.

A seguir, se tirarmos as linhas que separam os quadrantes teremos dois Olodús diferentes que ficam separados somente pelo cubo central do tabuleiro. Segue abaixo as Figura 12 e 13 exemplificando os Olodus formados de acordo com a foto que representa a figura.

Figura 12: Constituição Elemental dos Odús.



Fonte: Fotos do Autor.

Figura 13: Estrutura dos Odús.

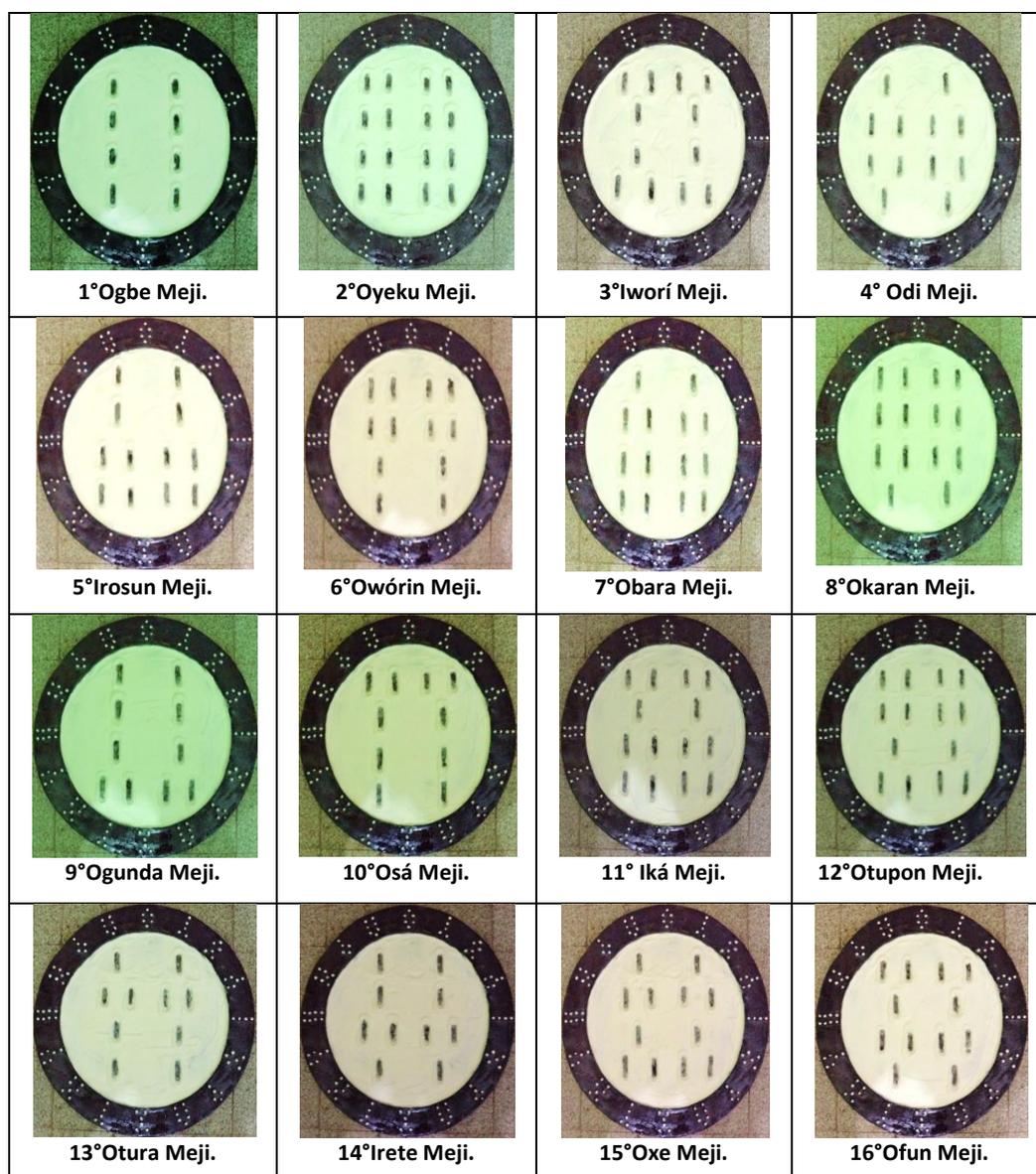


Fonte: Fotos do Autor.

Retirada as linhas imaginárias acima temos o Olodus, lendo da direita para esquerda Oturá que é representado pela água sobre o fogo e Okaran que é representado pela terra sobre a água. As demais probabilidades de Olodus consistem na presença dos elementos alternados em cada quadrante, estes por sua vez irão gerar as dezesseis probabilidades de Olodus, sendo que cada um deles é representado dentro do tabuleiro binariamente e recebe o nome específico ioruba seguido da palavra Meji que significa duplo.

Abaixo temos a representação dos 16 Olodús por ordem de chegada, na terra (Aye).

Figura 14: Representação dos 16 Olodús por Ordem de Chegada na Terra



Fonte: Fotos do autor.

Acima temos os dezesseis Olodus representados, onde a linha imaginária só

serve para entendermos os elementos que os formam. Todos, como dito anteriormente, são representados de forma dupla (Meji). Mas também existe a representação combinada de um Olodú com outro Olodú que gerará as demais duzentas e quarenta possibilidades chamadas de Omo-Odús, ou seja, Odús filhos que como dito antes seriam aqueles que na terra contribuem com ciclos naturais de acontecimentos e desenvolvimento da vida.

Segundo Martins (2012), para entender todas vertentes do pensamento que envolve Ifá, temos que nos conduzir a importância de compreender a Geomancia (adivinhação através da terra), que tem o corpo dos Odús (signos) como base para sua interpretação e traz grande importância intelectual, pois:

Na Pérsia, nos séculos VIII e IX, ou seja, na florescência da cultura Iraniana, a Geomancia era matéria ensinada em universidades célebres, como a de Bagdá, e estudada pela elite intelectual da época. Foram os Sábios formados nessas universidades que, junto com a filosofia e as ciências adquiridas, levaram a Geomancia a Alexandria, ao Cairo, ao Sudão e à Europa, tendo na última como porta de entrada a Espanha, onde a influência da civilização árabe ainda hoje é notável (MARTINS, 2012, p. 33).

De acordo com a citação acima é fácil perceber que os conhecimentos sobre Ifá há séculos vêm sendo estudados como ciência. É importante dizer que toda sua iconografia deriva do produto desse conhecimento chamado saberes. Os 16 Olodus representados acima descrevem através de combinação de somas pares e ímpares os demais 240 Odús filhos e os mesmos são o corpo geomântico tecendo mais de 4.096 versos de Ifá que são proposições lógicas assim como na matemática. O corpo literário do Ifá é considerado a Bíblia ioruba e a sua interpretação no tabuleiro é através do ato de decifrar enigmas, parábolas partindo do corpo representativo imagético que se personifica pela lógica do raciocínio.

5. Considerações Finais

Por meio desta iconografia buscamos trazer ao conhecimento as informações encontradas no tabuleiro de Ifá, de forma artística, e através do contexto visual, imagético e simbólico procuramos elencar todos os arquétipos que envolvem a questão dos seres humanos na visão ioruba, fazendo relação com o metafísico por meio da cultura e tradição. Percebemos ao decorrer das transcrições que se trata de uma ciência casada com a relação cultural e religiosa da tradição africana e que até hoje permanece com os costumes de traduzir poemas mitos e parábolas para os entalhes estéticos do tabuleiro. Neste trabalho buscamos dar corpo de significados aos entalhes na madeira dos tabuleiros e subjetivamente traduzimos a semiótica do signos envolvidos no significado imagético que são conhecidos como Odús os mesmos compõem base da ideologia do pensar yorubano que dependem de matemática binária e subjetividade religiosa para serem interpretados. Ifá é uma ciência de divinação ioruba reconhecido pela UNESCO como patrimônio da herança Oral e intangível da humanidade e o seu tabuleiro é uma forma de traduzir os conhecimentos através de símbolos que trazem significados de 1600 versos. Buscamos aqui contribuir para a área da educação trazendo o pensar e a forma de cognir graficamente da tradição ioruba.

Bibliografia

- ABIMBOLA, W. **Ifa adivinhação poesia**. New York: NOK Publishers Limited, 1977.
- ADEMOLA, Adesoji. **Ifá: a testemunha do destino e o antigo oráculo da terra do ioruba**. RJ: Cátedra, 1991.
- BASCOM, W. **Ifa adivinhação: A Comunicação Entre Deus e Os Homens na África Ocidental** Bloomington e London: Indiana University Press, 1969.
- BASSANI, E. O opon Ulm Ifa (cerca de 1650):Um modelo Pará iconografia Mais tarde. In Abiodun, R., Dreawl, HJ, Pemberton & III, J., (Eds.) **O artista Yoruba: Novas Perspectivas Teóricas Sobre a arte Africano** (pp 79-89.). Washington e Londres: Smithsonian Institution Press, 1994.
- BENISTE, José. **Jogo de búzios: um encontro com o desconhecido**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COSTA, Ivan Horácio. **Ifá: o ôrixá do destino: o jogo de Ôpón e do Ôpêle Ifá**. 1 ed. São Paulo: Icone,1995.
- DREWAL, HJ, Pemberton III, J., & Abiodun. **Yoruba: Nove Séculos de arte Africano e do Pensamento**. Catálogo da Exposição. Centro de Arte Africano: New York, 1989.
- EPEGA, Afalobi A. **Ifa: the ancient wisdom**. Imole Olowa Institute: Nova York, EUA, 1987.
- IDOWU, EB (1962). **Olodumare: Deus em Yoruba crença**. Ikeja: Longman Nigéria, 1962.
- JOHNSON, S. **A história do Yoruba**. Lagos: CMS, (1921).
- MARTINS, Adilson. **As mil verdades de Ifá/ Adilson Martins**. RJ: Pallas, 2012.
- MAUPOIL, B. **La geomancie à l'acienne Côté dès Esclaves**. 3. Ed. Paris, França: Institut d'Ethnologie, 1988.
- PORTUGAL Filho, Fernandes. **Ifá, o senhor do destino: Olórun Ayanmo**. São Paulo: Madras, 2010.
- ROWLAND, A. **Riding the horse of praise**. The mounted figure motif in *Ifa* divination sculpture. In Pemberton III, J. (Ed.), *Insight and artistry in African divination* (pp. 182-192). Washington and London: Smithsonian Press, (2000).
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia** : Petrópolis, Vozes, 1986.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**: Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.